

POSSIBILIDADES DA PESQUISA-FORMAÇÃO NO TRABALHO COM MEMÓRIAS DE ALFABETIZAÇÃO EM UM CURSO DE PEDAGOGIA

Data de aceite: 03/06/2024

Márcia Regina do Nascimento Sambugari

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
<http://lattes.cnpq.br/5417556351436964>.
<https://orcid.org/0000-0003-4671-2102>

Kamille Frias Claros

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
<http://lattes.cnpq.br/7466318248542031>
<https://orcid.org/0000-0003-3270-9922>

Sonia Aparecida Bays

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
<http://lattes.cnpq.br/1937078798871043>
<https://orcid.org/0000-0003-4889-0682>

RESUMO: Neste texto são tecidas reflexões sobre a importância da narrativa ‘memórias de alfabetização’ no processo de formação de futuros(as) professores(as) alfabetizadores(as). Para tanto são discutidos alguns aspectos trazidos nas cartas escritas por estudantes do curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior (IES) localizada em uma cidade da região do extremo oeste do estado de Mato Grosso do Sul. Com a análise das cartas verifica-se o quanto esse movimento da escrita de si é importante

e potente para a formação docente numa perspectiva reflexiva, freireana, de mobilização de saberes. Também sinaliza para a necessidade de se buscar uma visão mais ampliada do conceito de formação de professores.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; Formação docente. Alfabetização.

POSSIBILITIES OF RESEARCH-TRAINING IN WORKING WITH LITERACY MEMORIES IN A PEDAGOGY COURSE

ABSTRACT: This text reflects on the importance of the narrative ‘literacy memories’ in the process of training future literacy teachers. To this end, some aspects brought up in letters written by students of the Pedagogy course at a higher education institution (HEI) located in a city in the extreme western region of the state of Mato Grosso do Sul are discussed. how important and powerful this movement of self-writing is for teacher training from a reflective, Freirean perspective of knowledge mobilization. It also highlights the need to seek a broader view of the concept of teacher training.

KEYWORDS: Narratives. Teacher training. Literacy.

INTRODUÇÃO

Buscamos compartilhar as nossas reflexões acerca da importância da narrativa ‘memórias de alfabetização’ para a mobilização de saberes, numa perspectiva freireana, de que a formação docente seja um espaço de pesquisa-formação que possa “[...] criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2022, p. 47). Este texto foi apresentado no VI Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF) e o nosso olhar pauta-se na defesa de uma formação de professores(as) que tenha como pressuposto o conhecimento como processo criativo de apropriação e transformação da realidade. (Sambugari; Claros; Bays, 2023).

Conforme assinala Pimenta (1996), do curso de formação de professores(as) espera-se que desenvolva nos(as) alunos(as) conhecimentos, atitudes e valores que possibilitem a construção permanente do saber-fazer docente a partir das necessidades e desafios que a educação, como prática social, coloca no cotidiano (Pimenta, 1996). Esses saberes constituem o ponto de partida e também o ponto de chegada da formação, ao serem tomados na realidade das escolas e dos professores, articulando e traduzindo esses saberes em novas práticas.

É preciso, portanto, que os(as) futuros professores(as) compreendam o ensino como realidade social e, principalmente, compreendam que o trabalho docente implica em ensinar, pois a docência “[...] não é uma atividade burocrática para qual se adquire conhecimentos e habilidades técnico-mecânicas”. (Pimenta, 1996, p. 75). Dessa maneira, a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria e prática, sem a qual o ensino se torna mera repetição de conteúdos desligados da realidade que os engrenou.

O interesse nesta temática da formação docente para a mobilização de saberes por meio do registro de memórias de alfabetização decorre da vivência das autoras deste texto como professora e alunas de um curso de formação inicial (graduação) e continuada (especialização) de professores. Durante o curso tanto da graduação quanto da especialização há um momento, em uma disciplina específica em que os(as) alunos(as) são convidados(as) a escreverem uma carta trazendo as suas memórias sobre como foi a sua experiência na aprendizagem da leitura e da escrita em sua trajetória de escolarização.

Como recorte, nesta comunicação, apresentamos nossas reflexões que emergiram da análise de cartas produzidas por futuros(as) professores(as), acadêmicos(as) de um curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior (IES) localizada em uma cidade da região do extremo oeste do estado de Mato Grosso do Sul. Tais reflexões fazem parte dos estudos que vem sendo empreendidos no âmbito do grupo de estudo e pesquisa sobre formação e práticas docentes (Forprat) e vinculado ao projeto de pesquisa “Iniciação e constituição da docência em contextos de alfabetização: formação e práticas”.

Primeiramente apresentamos a nossa escolha teórico-metodológica para posteriormente discutirmos alguns elementos das cartas que nos permitem perceber esse recurso das memórias por meio de cartas como possibilidades de pesquisa-formação.

ESCOLHA TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A NARRATIVA DE MEMÓRIAS DE ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DO REGISTRO DE CARTAS

Utilizamos a narrativa de memórias como escolha teórico-metodológica por entendermos que ela “[...] constitui-se no ato de contar e de revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo”. (SOUSA; CABRAL, 2015, p. 150). Remetemos essas vivências à composição de um bordado como é trazido por Soares (2001), que vai sendo confeccionado ao longo de nossas trajetórias, pois:

[...] vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça. [...] Olho para trás, observo o bordado, tento adivinhar o segredo do risco. E estão vejo que não é um risco harmonioso, de um bordado em que cada forma se vai acrescentando à anterior e a ela se ajustando. Há cortes bruscos de linhas que de repente se interrompem – plantas arrancadas – e o risco toma outra direção, tão diferente! (Soares, 2001, p. 28, 31).

Ao tomarmos essa perspectiva delineada por Soares (2001) no estudo realizado em um curso de formação de professores compreendemos a narrativa ‘memórias de alfabetização’ como dispositivo de pesquisa-formação que mobiliza saberes. Souza (2006, p. 14) assinala que “[...] a escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si”. Já Sousa e Cabral (2015, p. 150) complementam afirmando que:

[...] além da simples lembrança, a memória constitui uma viagem no tempo, e narrar é, dentre outras, rememorar experiências diversas quer da vida pública ou da vida privada. Tais percepções evidenciam que a unidade narrativa é constituída de vivências e experiências, adquiridas e construídas no decorrer da história de vida do ser humano que cristalizam e se constituem em imagens que são retomadas em situações cotidianas (Sousa; Cabral, 2015, p. 150).

Dessa maneira, as reflexões que são apresentadas neste texto decorrem do nosso exercício analítico a partir de narrativas produzidas por acadêmicos(as) matriculados(as) no curso de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior (IES) no período entre 2015 a 2022, tendo como instrumento o gênero carta pelo seu potencial de “[...] estabelecer comunicação por escrito com um destinatário ausente, no qual, por assim dizer, o autor pode tudo.” (Soligo, 2018, p. 13).

No início do curso, em uma disciplina que discute a alfabetização, os(as) acadêmicos(as) receberam uma carta da professora pesquisadora em que trazia de forma breve o percurso da referida docente e o convite para responderem contando a

sua história pessoal (idade, onde nasceu, etc.), os espaços que tiveram contato com a leitura e a escrita, se curso de Pedagogia foi uma opção, e se possuem familiares que são professores. Também que relatassem as vivências de seu processo de alfabetização, narrando situações sobre como foi a experiência de aprendizagem da leitura e da escrita, trazendo as marcas positivas e/ou negativas de seus percursos. Para Larrosa (2011, p. 6):

[...] o lugar da experiência sou eu. É em mim (ou em minhas palavras, ou em minhas ideias, ou em minhas representações, ou em meus sentimentos, ou em meus projetos, ou em minhas intenções, ou em meu saber, ou em meu poder, ou em minha vontade) onde se dá a experiência, onde a experiência tem lugar.

Esse exercício de escrita de memórias das trajetórias de escolarização tem trazido uma riqueza de informações sobre a percepção dos acadêmicos quanto à docência. Para Sousa e Cabral (2015, p. 151),

[...] a narrativa torna-se, portanto, relevante para o contexto de formação em que se concebe o professor como narrador-personagem-escritor de histórias que se constituem a partir de diversas situações de formação. As pesquisas revelam que os professores, quando os falam sobre os dilemas imbricados no seu fazer docente, transportam, ao mesmo tempo, dados de sua trajetória de vida. Isso aponta para diferentes modos de ver, conceber a prática profissional e promover avanços significativos na formação docente.

Dos 253 alunos matriculados na disciplina de alfabetização ao longo dos anos 2015 a 2022, foram retornadas 195 cartas produzidas pelos(as) acadêmicos(as) que autorizaram a realização do estudo, em conformidade com a normatização ética para pesquisa com seres humanos. Na Tabela 1, a seguir, apresentamos de forma sistematizada o número de alunos ao longo dos anos, evidenciando que a cada ano que passa há um envolvimento maior por parte dos(as) estudantes.

Ano	Matriculados(as)	Retorno das cartas
2015	34	19
2016	33	20
2017	25	15
2018	40	34
2019	35	30
2020	37	32
2021	25	23
2022	24	22
Total	253	195

Tabela 1 – Número de matriculados(as) na disciplina e retorno das cartas sobre as memórias de alfabetização (2015-2022)

Fonte: Elaboração própria.

Para sistematizar e organizar a leitura e análise das cartas nós recorremos a análise de conteúdo de Bardin (2016). Dessa maneira, a leitura e análise das cartas perpassaram as três fases propostas pela autora: (i) pré-análise, (ii) exploração do material; (iii) tratamento dos resultados.

Na primeira etapa realizamos a leitura fluante dos registros narrativos, buscando os elementos comuns e frequentes relativos a leitura e a escrita. Em seguida partiu-se para o tratamento do material que deu-se por meio da codificação, a fim de construir as categorias de análise. Nessa fase de codificação optamos em trabalhar com a categoria de análise temática como unidade de registro (UR) que consiste em “[...] descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e, cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 2016, p. 135).

Como forma de garantir o anonimato, em conformidade com a ética na pesquisa, os(as) participantes estão identificados(as) pela letra A [acadêmico/a] seguido de um número sequencial [1,2,3...] e do ano em que a escrita foi produzida [2015, 2016, 2017, etc].

A seguir apresentamos nossas reflexões a partir da análise das memórias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Souza (2006, p. 103) destaca que “[...] o sentido da recordação é pertinente e particular ao sujeito, o qual implica-se com o significado atribuído às experiências e ao conhecimento de si, narrando aprendizagens experienciais e formativas daquilo que ficou na sua memória”. Nessa perspectiva, a análise da recordação presente nas narrativas dos(as) futuros(as) professores(as) nos permite inferir que a maioria dos participantes traz em suas memórias elementos relacionados principalmente ao uso recorrente das cartilhas, conforme podemos observar nos excertos das cartas a seguir:

O que eu me lembro do meu tempo de alfabetização é que **a professora utilizou a cartilha com o Ba-Be-Bi-Bo-Bu**. Da sala de aula eu me lembro que havia o alfabeto, objetos coloridos. Na minha memória está gravada a imagem da professora explicando no quadro, a sala de aula, os colegas, as mesas arrumadas uma atrás da outra. (A18-2015, grifo nosso).

Naquela época fui alfabetizada por meio das **cartilhas, onde aprendíamos a familinha de cada letra**. E apesar de atualmente, o ponto de vista dos educadores parecer uma metodologia e ensino atrasada, na minha geração foi eficiente. (A76-2018, grifo nosso).

A análise dessas narrativas nos remete a Mortatti (2000) que, ao apresentar a história da alfabetização no Brasil, aponta a influência das cartilhas no movimento de escolarização das práticas de leitura e escrita, assinalando que:

[...] a cartilha de alfabetização institui e perpetua certo modo de pensar, sentir, querer e agir, que, embora aparentemente restrito aos limites da situação escolar, tende a silenciosamente acompanhar esses sujeitos em outras esferas de sua vida pessoal e social”. (MORTATTI, 2000, p. 50).

Nos fragmentos, a seguir, é possível percebermos as dificuldades apresentadas por precisarem fazer o uso da letra cursiva sem estar alfabetizados:

Lembro que **ficava horas e horas tentando aprender a letra cursiva**. (A13-2015, grifo nosso).

Lembro-me da professora falar repetidamente as letras do alfabeto. Em seguida ela nos **ensinou as sílabas com letra cursiva e foi a pior coisa que me aconteceu. Eu não entendia a letra dela**, e ainda por cima, tive que fazer durante um ano aulas de caligrafia. (A42-2017, grifo nosso).

Cagliari (2009) nos alerta que a escola se preocupa mais com a escrita que a leitura e a oralidade, apontando algumas dificuldades que a escola cria para a alfabetização e que poderia ser evitada, sendo uma delas a ênfase dada quanto a estética da escrita. Para o autor, “[...] preocupada demais com a ortografia, a escola por vezes esquece que o principal, num primeiro momento, é que as crianças transportem suas habilidades de falantes para textos escritos”. (Cagliari, 2009, p. 100).

Desde a formação inicial de professores é necessário propiciar uma formação capaz de romper essa visão restrita e reducionista de alfabetização, pois, conforme Abreu e Arena (2021), a alfabetização é um processo essencial para o desenvolvimento do(a) aluno(a) como um todo, bem como um instrumento para a sua formação humana. Dessa forma, a alfabetização está para além do simples reconhecimento de letras, que servem apenas para nomear os elementos do mundo. Ainda, de acordo com as autoras, as atividades durante esse processo de alfabetização devem possibilitar às crianças aprendizagem contextualizada acerca da escrita e da leitura, para que elas possam refletir, expor, criticar e ter suas próprias opiniões.

Outro aspecto a ser levantado refere-se ao movimento de reflexão de si que a escrita memórias proporciona, conforme podemos verificar no registro a seguir:

[...] Já finalizando, quero compartilhar a tamanha felicidade que atualmente estou vivenciando, aprendendo muito e me dedicando ao máximo para ser um professor oposto de tudo que já vivenciei. (A30-2020).

A análise deste excerto evidencia o quanto esse movimento da escrita de si é importante e potente para a formação docente numa perspectiva reflexiva, freireana, de mobilização de saberes. Também sinaliza para a necessidade de se buscar uma visão mais ampliada do conceito de formação de professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões trazidas neste texto a partir do estudo das cartas indicam o quanto é importante trabalhar os conhecimentos a partir das memórias de alfabetização nos cursos de formação. Também apontam a necessidade de se propiciar espaços para que o(a)s aluno(a)s possam narrar seus percursos, e, a partir daí reflitam sobre os processos de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita, buscando formas de (re)significar as suas práticas quando estiverem no exercício da profissão.

Consideramos importante que os cursos de formação inicial abram espaços para que os(as) aluno(as) possam narrar seus percursos, e, a partir daí busquem novas formas para ressignificar suas práticas quando estiverem no exercício da profissão. Isso nos leva a pensar num conceito mais ampliado de formação que considere a visão que os(as) futuros(as) professores(as) trazem do que é a leitura, a escrita, a alfabetização que foi sendo construída por meio de trajetórias pessoais e de escolarização.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia Martins de Oliveira; ARENA, Adriana Pastorello Buim. Atos de Leitura na Alfabetização. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v.10, n.2, mai./ago, p.770-786, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70: Rio de Janeiro, 2016.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione. 11 ed., 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 73 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.19, n2, jul./dez, p. 4-27. 2011.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular. **Cadernos Cedex**, n. 41, v. 52, nov., p. 41-54, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 22, n. 2, 1996.

SAMBUGARI, Márcia Regina do Nascimento Sambugari; CLAROS, Kamile Frias; BAYS, Sonia Aparecida. O potencial formativo do trabalho com memórias de alfabetização na formação de professores. *In: VI Congresso Brasileiro de Alfabetização - CONBALF, 2023, Belém, PA. Anais [...].* Florianópolis, SC: Udesc, 2023. v. 1. p. 1-7. Disponível em: https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/viconbalf/paper/viewFile/2304/2021. Acesso em: 03 abr. 2024.

SOARES, Magda Becker. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SOLIGO, Rosaura. Uma forma narrativa privilegiada na pesquisa: a carta. *In: SOUZA, Elizeu Clementino de, CUNHA, J. L., FURLANETTO, E. C, BIASOLI, K. A. Anais [...]. Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. Digital*. São Paulo. BIOgraph, 2018, p. 1-15.